

Das linguas santas

VILEM FLUSSER

O's enigmas que a lingua em geral, e cada lingua em particular, nos propõe, não foram, até bem recentemente, percebidos, e muito menos pesquisados. Dentre eles, chamo a atenção para a circunstancia de que existem linguas consideradas santas, por certas pessoas ou grupos de pessoas. O fato de ser tal circunstancia do conhecimento geral, não a torna menos curiosa. A afirmativa irrefletida, oferecida à guisa de explicação, de que aquelas linguas são consideradas santas por terem servido de veiculo para certas escritas sagradas, é tão banal quanto insignificante. Creio, muito pelo contrário, que existe uma relação fundamental entre lingua e pensamento, e que é igualmente legitima a afirmação de serem aqueles escritos sagrados, por terem sido formulados em linguas santas. Nutro a suspeita de que a qualidade de "santidade" (que não pretendo analisar), relaciona-se com os aspectos estéticos e ontológicos dessas linguas. E pretendo expôr ao leitor algumas considerações que fizeram nascer em mim tal suspeita.

Sabemos que os judeus consideram o hebraico tão santo, que não devem pronunciar-lo com a cabeça descoberta. O latim é, para o católico, tão santo, que as traduções da Biblia para outras linguas não chegam a ter autoridade. Para o muslim o árabe é tão santo, que uma tradução do Alcorão é simplesmente impossível. As mesmas qualidades são atribuidas pelos hindus ao sanscrito, pelos budistas ao pali, pelos ortodoxos ao slavonico. Não se diga que se trata somente de linguas mortas, ou mumificadas. As recentes tentativas de retradução da Biblia para o inglês encontraram opposição, e são de fato impróprias se comparadas com a linguagem da "King James Bible". A razão é

da em textos escritos em sanscrito. Conforme nos dizem os "richis", essa palavra encerra a suma sabedoria. Os "yoguin" a pronunciam no curso de suas meditações para invocar a ajuda de forças superiores. Não tem significado lógico, estando, todavia, prenhe de um significado mágico e religioso. E' redonda e fêtil como um ovo, colocando-se no limite entre a sílaba e a palavra, entre o falar e o calar-se. Conhecemo-la através de um descendente ocidental enfraquecido, a palavra "amem".

Passo agora a considerar alguns aspectos ontológicos das linguas "santas". As palavras arabes, por exemplo, formam-se de letras que têm, além do seu papel como elementos da palavra, também significados independentes. Cada palavra representa, portanto, uma especie de charada, significando diversos planos de realidade. O estudo do Alcorão revela, progressivamente, essas diferentes camadas do Ser, e o Alcorão, como um todo, deve ser encarado como chave para a solução da charada da realidade. De palavra em palavra, de letra em letra, avança o espirito até Deus, e é neste sentido que o Alcorão é "logos", a palavra Divina, o Filho de Allah.

Tomemos, como segundo exemplo, o significado ontológico de duas palavras em sanscrito, a saber "atman" e "satchitananda". A primeira significa simplesmente "respiração", mas respiração tomada como fundamento da realidade. Significa, portanto, o pulsar cíclico do mundo, o surgir e o passar dos fenomenos, a cadeia de causa e efeito (tanto no sentido científico quanto no etico); significa o Eu individual, o agente da respiração fisiologica, e também o Eu cosmico, agente e provocador da cadeia dos fenomenos; significa, enfim, um aspecto de Deus. Não é para admirar que o hindu pretenda governar o mundo e a si mesmo...

são de fato improprias se comparadas com a linguagem da "King James Bible". A razão é que há uma qualidade nessa linguagem considerada, por muitos, como sendo santa. Talvez se torne um pouco mais palpável essa qualidade misteriosa, se considerarmos palavras cujo significado nos escapa, ou quase escapa.

Nas escritas hebraicas existem palavras provenientes, aparentemente, de linguas anteriores ao hebraico e que foram mantidas pela sua santidade. Por exemplo a frase: "Mene Tekel Ufarsin". A tradução comum é "Pesei, medi e recusei", ou "pesei, medi e Persas". O significado da frase é, no entanto, independente da tradução e reside no clima mágico, na melodia evocativa, no ritmo que se aproxima do balbuciar, enfim, na qualidade estética da frase. Como outro exemplo dou a palavra: Chabat. A tradução é, evidentemente, "sábado", e os etnólogos e filólogos procuram as origens dessa palavra na Sumeria, onde devem ter existido festas da lua com nomes similares. O seu significado reside, entretanto, numa espécie de aura que a encobre, revelando para quem sabe percebê-lo uma visão do eterno que irrompe dentro do tempo. Outro exemplo, mais brutal e direto, é a expressão: Tohu-va-Bohu. E' traduzido por "caos", mas é na realidade um par de palavras sem significado unido pela cópula "e". O caráter do caótico, embora entreligado, salta aos olhos de maneira diabólica e nefasta. Como ultimo exemplo dou a palavra: Jehovah. Todas as tentativas de explicá-la etimologicamente ou como anagrama erram de alvo. Ela é, para todos os que ainda conservam um pouco de ingenuidade estética, o nome do "ser em si", o nome ontológico por excelência, aquilo que os hindus chamam de "nama-rupa" — "nome-forma".

Quero acrescentar outro exemplo, desta vez emprestado de um ambiente diferente e exótico, porém representando também o resíduo de uma lingua mais antiga. Tenho em mente a palavra "Om" ou "aum" encontra-

pecto de Deus. Não é para admirar que o hindu pretenda governar o mundo e a si mesmo controlando a respiração, sujeitando-a á sua vontade. A palavra "satchitananda" é um composto de "sat=ser", "chit=saber" e "ananda=felicidade". Assim conjugadas, tais palavras superam-se por assim dizer dialeticamente: o estado da alma a que essa palavra alude está além do Ser, do Saber e da Felicidade, é uma espécie de fundir-se do Eu na totalidade da realidade, uma união mística para a qual as nossas linguas não têm expressão equivalente.

Como ultimo argumento proponho as considerações seguintes, relativas á gramática hebraica: (1) falta do verbo "ter", substituído pelo dativo "mim"; (2) falta o presente, substituído pelo participio (por exemplo, em vez de "falo" se diz "eu falante"); e (3) existe a forma "naoeu" "naotu" etc. A frase portuguesa "eu não falo" seria, em hebraico, "naoeu falante". Quem negará que através dessas formas se revela um conceito da realidade basicamente diferente do nosso? Que está sendo articulada uma realidade que, possivelmente, será considerada, por certas pessoas, como a unica realidade, e a lingua que a articula, em consequencia, língua santa?

Em conclusão deste esboço, em forma de tentativa e demasiadamente sumario, diria o seguinte: toda lingua possui, em grau maior ou menor, a capacidade de evocar, invocar ou provocar aquilo que é chamado "O santo". Possui essa capacidade graças a duas qualidades: ao seu aspecto estetico e ao seu significado ontologico. Existem linguas que possuem tal capacidade em grau altissimo, aparentemente e são essas que são consideradas santas. A minha intenção não foi tanto expor o problema, como provocar a curiosidade necessaria para a sua proposição. Mas, mesmo uma aproximação tão modesta já ilumina a grande infelicidade que reside na pluralidade das linguas santas, tornando um pouco mais compreensível o castigo que se seguiu á construção da torre de Babel: a confusão das linguas.

27/1/62